

FACULDADE SANTA RITA
CURSO DE PEDAGOGIA

**IMPULSIONAR A ALFABETIZAÇÃO POR MEIO
DA ORALIDADE**

Sandra Silva Moreira Bellintane

Novo Horizonte – S.P.

2019

FACULDADE SANTA RITA
CURSO DE PEDAGOGIA

**IMPULSIONAR A ALFABETIZAÇÃO POR MEIO
DA ORALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a Faculdade Santa Rita de Novo Horizonte/SP, como parte dos requisitos para a graduação em Pedagogia, sob orientação da Prof^a Ma. Anita Gombrade.

Novo Horizonte – S.P.

2019

Bellintane, Sandra Silva Moreira

B444i Impulsionar a alfabetização por meio da oralidade / Sandra Silva Moreira
Bellintane - Novo Horizonte, 2019.
25 f. ; 30 cm.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) -
Faculdade Santa Rita, 2019.

Orientadora: Anita Gombrade

1. Oralidade. 2. Alfabetização. 3. Leitura e Escrita. Autor .II.Título.

CDD--

MEMBROS DA BANCA DE DEFESA DO TRABALHO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
DA ALUNA DO CURSO DE PEDAGOGIA

SANDRA SILVA MOREIRA BELLINTANE

APRESENTADA À FACULDADE SANTA RITA, EM 17 DE DEZEMBRO DE 2019.

BANCA DE DEFESA:

Prof.^a Ma. Orientadora – Anita Gombrade

FACULDADE SANTA RITA

Prof. Me. Abner Batista Fortunato

FACULDADE SANTA RITA

Prof.^a Esp. Ana Carolina Amaral Colombo

FACULDADE SANTA RITA

IMPULSIONAR A ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DA ORALIDADE

SANDRA SILVA MOREIRA BELLINTANE

RESUMO

A dificuldade de encontrar um método eficaz para facilitar a alfabetização das crianças no momento certo é um grande desafio para os especialistas da área, pois o que prevalece atualmente é uma mistura de construtivismo com metodologias tradicionais, focando demasiadamente na escrita e, quase nada na oralidade. Portanto, é necessário repensar estratégias e metodologias que busquem reformular ou complementar o que se faz hoje no Município de Novo Horizonte/SP, que será o *locus* desta pesquisa. O objetivo do trabalho é demonstrar a importância da oralidade na alfabetização, já que este campo quando se une à escrita traz resultados significativos, como, por exemplo, o próprio rendimento da escrita. A metodologia de pesquisa é a qualitativa com a exploração em fontes bibliográficas, como livros, artigos e outros meios pertinentes ao tema e à pesquisa de campo, para conhecer a realidade local, por meio do questionário como instrumento para a coleta de dados. Na análise de dados, ficou evidente que o conceito de oralidade assumido pelas professoras é mais ligado à fala cotidiana e não a um conceito mais elaborado. O trabalho ainda apresenta uma comparação da distribuição dos estudantes por nível de proficiência em leitura constatado pelos resultados da Avaliação Nacional de Alfabetização – ANA 2016 entre a Escola de Aplicação da USP e a média do estado de São Paulo e do município de Novo Horizonte/SP. Os dados apresentados demonstram que 92,99% dos alunos avaliados da EA-USP possuem habilidades e competências suficientemente amplas para continuar seus estudos, sendo que os alunos da EA-USP foram alfabetizados a partir da concepção de oralidade definida neste artigo. Desta forma, o presente trabalho traz uma visão que a oralidade não é igual à fala cotidiana, visto que, aprender a escrita por meio da fala não gera bons leitores.

Palavras-chave: Oralidade; Alfabetização; Leitura e Escrita.

ABSTRACT

The difficulty of finding an effective method to facilitate children's literacy at the right time is a big challenge for experts in the field, because what prevails today is a mix of constructivism and traditional methodologies, focusing too much on writing and almost nothing on orality. Therefore, it is necessary to rethink strategies and methodologies that seek to reformulate or complement what is done today in the city of Novo Horizonte/SP, which will be the locus of this research. The aim of this paper is to demonstrate the importance of orality in literacy, since this field when it is combined with writing brings significant results, such as the writing performance itself. The research methodology is the qualitative one with the exploration in bibliographic

sources, such as books, articles and other pertinent means to the theme and field research, to know the local reality, through the questionnaire as an instrument for data collection. In the data analysis it was evident that the concept of orality assumed by the teachers is more linked to everyday speech and not to a more elaborate concept. The work also presents a comparison of the distribution of students by reading proficiency level verified by the results of the National Literacy Assessment - ANA 2016 between the USP School of Application and the average of the state of São Paulo and the municipality of Novo Horizonte/SP. The data presented show that 92.99% of the students assessed at EA-USP have skills and competences broad enough to continue their studies, and the students at EA-USP were literate from the conception of orality defined in this article. Thus, the present work brings a view that orality is not the same as everyday speech, since learning to write through speech does not generate good readers.

Keywords: Orality; Literacy; Reading and writing.

INTRODUÇÃO

A busca incessante para melhorar o processo de alfabetização faz com que pesquisadores reflitam sobre as metodologias e concepções vigentes nos dias de hoje, que, em geral, demonstram mais sua eficácia com crianças que têm uma bagagem de letramento vinda da família, mas que, nem sempre conseguem alterar muito o quadro das defasagens idade/série, sobretudo, quando se consideram as redes públicas. As avaliações elaboradas pelo governo federal, ANA¹ (Avaliação Nacional da Alfabetização) de 2016 mostram um quadro que comprova o que se afirma: 45% das crianças avaliadas, no terceiro ano, se situam nos níveis 1 e 2, situação que não garante a elas um nível de leitura suficiente para continuar seus estudos, mesmo após ter sido aplicado, em boa parte das escolas brasileiras, o PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

Nesse sentido, outras metodologias, como é o caso do Método Fônico, defendido no Plano Nacional de Alfabetização, apresentam-se como solução. Como contribuição, este trabalho foca apenas na importância de se levar em conta um conceito específico de oralidade, desde a Educação Infantil aos anos finais do Ensino Fundamental I. Por que um conceito específico?

¹ Avaliação Nacional da Alfabetização é um dos instrumentos do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e mede os níveis de alfabetização e letramento em língua portuguesa, a alfabetização em matemática e as condições de oferta do ciclo de alfabetização das redes públicas. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/36188>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Boa parte dos conceitos assumidos nas metodologias e concepções de alfabetização conceitua oralidade como fala, conversa cotidiana. O conceito que interessa aqui foi desenvolvido especificamente para dinamizar o processo de alfabetização, usando todos os potenciais possíveis da cultura oral.

Marcuschi (2003) concebe a relação entre oralidade e escrita como um contínuo, sem opor um conceito ao outro e, como isso procura desmontar a tese de que a escrita é superior à oralidade. Concebe também “duas modalidades de usos no tratamento da língua falada e língua escrita: (a) de um lado, oralidade e letramento e (b) de outro, fala e escrita” (Marcuschi, 2003, p. 25). Apesar de ser interessante dissolver a oposição direta entre escrita e oralidade, como tradicionalmente se faz, ainda não se tem nessa visão uma distinção clara do conceito de oralidade, que seja mais propícia à alfabetização.

Belintane (2013) reafirma que a fala cotidiana é menos formal e é complementada pelos gestos, pelos subentendidos do contexto cotidiano, por exemplo, você diz “quem derrubou leite aqui”, por estar perto do fogão, a pessoa deduz o sentido completo. Já a oralidade é mais formalizada, no sentido de o texto ter um formato que favorece a memorização e a repetição, ou seja, a gente apreende de memória uma cantiga de ninar, uma parlenda, uma cantiga de roda em razão do ritmo e da rima que o texto propicia. O mesmo acontece com as narrativas, a gente, ao ouvir uma história, memoriza mais os fatos e acontecimentos do passado. A narrativa é a forma mais antiga de oralidade e é muito eficiente no ensino em geral.

O campo da oralidade cultiva um conjunto de gêneros memoráveis e formulares, o que significa que são fáceis de serem memorizados, justamente por tratar-se uma fórmula que serve de matriz para novas formulações. Um exemplo interessante:

*Não me olhe de lado,
Que eu não sou melado.*

*Não me olhe de frente,
Que eu não sou seu parente.*

Não me olhe.....

Que eu não sou.....

Do mesmo modo, a adivinha possui também a sua fórmula iniciada por “o que é, o que é” e se encerra com a pergunta. As narrativas são importantes fórmulas para se lidar com acontecimentos que se perdem no tempo justamente, porque têm a sua fórmula. Outros exemplos: trava-línguas, parlendas, trovinhas, brincadeiras infantis, dentre outras.

Baseando-se nessa necessidade de apontar caminhos para dinamizar a alfabetização e de contar com a possibilidade apresentada por Belintane (2017) de usar um conceito específico de oralidade, esta pesquisa formula a seguinte questão norteadora: as(os) professora(s) das escolas pesquisadas conhecem essa distinção e trabalham efetivamente com o conceito de oralidade? Que conceito de oralidade sustentam o trabalho da(o)s professora(s) nas escolas pesquisadas? Foram extraídos também alguns outros dados sobre a formação da(o)s professora(es) e correlacionados tais dados com as duas questões aqui formuladas.

A partir da convicção de que a oralidade definida por Belintane pode constituir-se num conjunto de estratégias eficazes já experimentadas, pretende-se analisar se os professores das escolas pesquisadas assumem conceito semelhante e se efetivamente os utilizam no cotidiano de suas aulas. Sabe-se, por meio dos dados apresentados a seguir e do que se pode constatar em seus livros e artigos, que as experiências feitas em estudos longitudinais pela equipe de Belintane (acompanhamento das mesmas turmas do primeiro ao quarto ano) deram resultados interessantes.

Percebe-se na tabela 01 o desempenho das duas turmas acompanhadas do primeiro ao terceiro ano do ensino fundamental (2013 a 2016). É preciso esclarecer que o projeto foi finalizado em 2014 e que os desempenhos dessas turmas constituem os resultados do trabalho das professoras da EA-FEUSP (Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP) sem contar com o apoio direto dos pesquisadores, ou seja, são resultados da influência direta do projeto “Desafio”, coordenado por Belintane (de 2011 a 2014). Outra informação importante é que o PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa do governo federal não foi aplicado na escola em questão. A tabela 01 apresenta os resultados dos 57 alunos da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP de São Paulo na Avaliação Nacional

da Alfabetização - ANA, ocorrida no ano de 2016, aplicada aos terceiros anos de duas turmas ingressantes em 2014:

Tabela 01 – Distribuição dos estudantes por nível de proficiência em leitura da EA-FEUSP.

Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4
0,0%	7,02%	42,11%	50,88%

Fonte: <http://ana.inep.gov.br/ANA/>

Nota-se que 92,99% dos alunos avaliados situam-se nos níveis 3 e 4, o que significa que esses alunos possuem habilidades e competências suficientemente amplas para continuar seus estudos.

Comparando o desempenho dessas duas turmas com o desempenho do Estado de São Paulo (tabela 02) e com o município de Novo Horizonte/SP (tabela 03), constatam-se grandes diferenças:

Tabela 02 – Distribuição dos estudantes por nível de proficiência em leitura do Estado de São Paulo.

Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4
12,57%	28,78%	39,57%	19,08%

Fonte: <http://ana.inep.gov.br/ANA/>

Tabela 03 – Distribuição dos estudantes por nível de proficiência em leitura de Novo Horizonte/SP.

Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4
2,06%	17,40%	46,56%	33,98%

Fonte: <http://ana.inep.gov.br/ANA/>

As turmas da Escola de Aplicação da FEUSP foram alfabetizadas a partir da concepção de oralidade aqui definida, ou seja, as professoras cotidianamente se preocuparam com a memória oral dos alunos, por meio de brincadeiras com cantigas, parlendas, adivinhas, trava-línguas e muita contação de histórias. A ideia das professoras é que esse lastro de memória, essa diversidade de gêneros da tradição oral dinamizam a entrada das crianças na leitura. A fluência na leitura depende desse lastro, por isso é importante distinguir bem o conceito de oralidade e não o tomar como fala, leitura em voz alta, etc.

Nesta pesquisa, interessa não apenas indagar se as escolas pesquisadas de Novo Horizonte/SP, que, em geral, seguem orientações construtivistas, teriam essa mesma compreensão do conceito de oralidade (oralidade formular, poética, musical) ou se seguem a mais comum, a que compreende oralidade como um fenômeno estritamente ligado à fala.

Com a intenção de tornar mais clara a distinção do conceito, o tópico da revisão bibliográfica do conceito de Oralidade contrasta os dois conceitos possíveis, pois além de constatar, o presente trabalho tem como objetivo principal demonstrar a importância da oralidade na alfabetização, com a utilização dos conhecimentos que as crianças adquiriram em suas vidas, bem como, por meio de memorizações realizadas durante as atividades de contação de histórias, brincadeiras infantis, trava-línguas, parlendas e adivinha e outras mais, objetivando a entrada da criança no mundo da leitura e escrita.

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Belintane (2011) afirma em entrevista à Revista Educação que:

A obstinação com que os educadores se fixam na escrita, para resolver as questões relativas à alfabetização, é um erro estratégico para o processo, que pode ter efeito contrário sobre os alunos, principalmente entre aqueles que provêm de ambientes pouco afeitos à leitura (BELINTANE, 2011, p. 01).

É de suma importância que os professores procurem uma flexibilidade no momento de alfabetizar as crianças, principalmente para aquelas que não tiveram estímulo dos responsáveis quanto à leitura. Neste caso, a superação dos modelos baseados essencialmente na escrita é um caminho importante para o professor no processo de alfabetização, objetivando um melhor desempenho da criança na leitura e escrita.

Ferrenha (2010, p. 01), diferentemente de Belintane, define Oralidade como “transmissão oral dos conhecimentos armazenados na memória humana”. Esta transmissão de conhecimento ocorre, desde a escuta das primeiras palavras na infância e se estende pelo resto da vida. Já para Belintane (2013), a oralidade vai em paralelo, junto com a aprendizagem da fala, ou seja, ocorre quando a mãe canta cantiga de ninar, cantigas de roda e outras mais, constituindo um conjunto de matrizes textuais que vão se estruturando para receber e dinamizar a escrita.

Ribeiro (2012, p. 87) afirma que “a oralidade é a primeira das formas de comunicação a que a pessoa está sujeita, revelando, de certa maneira sua identidade pessoal e cultural e, provavelmente a única que dificilmente será excluída da vida do sujeito”. Belintane (2013) não enfatiza o aspecto comunicativo, mas o estético. Assim, estende o conceito mais para o campo da literatura, mostrando que a oralidade é um conjunto de gêneros textuais mais formulares, com tratamento estético e literário, que ficam armazenados e preservados na memória da criança. Dessa maneira, estas ferramentas orais contribuem para a memorização, bem como ajudam no momento da entrada da criança na escrita e na leitura.

Para Santos e Farago (2015, p. 113) “a oralidade é entendida como uma atividade verbal presente nas mais diferentes situações sociais em que o indivíduo possa se inserir ao longo de sua vida, é a transmissão oral dos conhecimentos armazenados na memória humana”. Já no entendimento de Silva:

A oralidade é adquirida nas relações sociais do nosso dia-a-dia, desde o nosso nascimento. Somos participantes de situações sociais e, cabe a nós nos comportamos de um modo diferente em cada situação comunicativa. O contexto é que determina o tipo de linguagem que devemos utilizar. Por isso, a prática da oralidade é uma forma de inclusão cultural e de socialização. (SILVA, 2009, p. 4).

Em reportagem a Revista Escola, Deborah Trevizan traz uma conceituação mais próxima da utilizada por Belintane.

Desenvolver a oralidade é uma das habilidades que se espera nos primeiros anos de escolaridade. Nas turmas da pré-escola, é possível fazer isso de diversas formas. Brincadeiras cantadas, como músicas e cantigas de roda, ou faladas, como trava-línguas e parlendas, sempre são bem recebidas nessa idade. De forma lúdica, elas ampliam as possibilidades de comunicação e expressão e promovem o interesse pelos vários gêneros orais e escritos (TREVIZAN, 2008, p. 01).

Desta maneira, o que mais incentiva a prática de leitura é a narrativa, ouvir e recontar história, pois essas mesmas histórias serão vistas em livros ou terão semelhanças formais e temáticas com as dos livros. Já as brincadeiras com textos rimados e ritmados (cantigas de roda, de ninar, parlendas, textos em versos) ajudam na alfabetização e no processo de descoberta das sílabas, isto é, a rima permite quebrar fragmentos de uma palavra e comparar com os de outra, por exemplo, gato rima com rato e só diferenciam um do outro por um fonema (na fala) e uma letra (na escrita), permitindo que a criança compare e perceba como elas são escritas.

A criança, com seu jeito próprio de ser, é dotada de conhecimentos que são adquiridos por meio da vivência com os mais velhos e por meio de brincadeiras infantis. Deste modo, este conhecimento deve ser resgatado no momento da alfabetização da criança, possibilitando um melhor entendimento no momento inicial da escrita.

A necessidade de alfabetizar com eficiência e o próprio conceito de alfabetização foram relançados aos professores das redes públicas em 2012, quando se efetivou o PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:

Entre todos os grandes desafios para a educação brasileira, nenhum é mais estratégico e decisivo do que garantir a plena alfabetização de nossas crianças. Alfabetizar todas as crianças, sem exceção, e no momento certo: até o final do terceiro ano do ensino fundamental, quando elas completam oito anos de idade. (BRASIL, 2012, p. 06).

Este Pacto tinha como objetivo alfabetizar toda criança até os oito anos de idade, contando com apoio dos governos federal, estadual e municipal, por meio de estratégias como: material didático de alta qualidade e apoio aos professores e às escolas. O PNAIC esclarece:

Estar alfabetizado significa ser capaz de interagir por meio de textos escritos em diferentes situações. Significa ler e produzir textos para atender a diferentes propósitos. A criança alfabetizada compreende o sistema alfabético de escrita, sendo capaz de ler e escrever, com autonomia, textos de circulação social que tratem de temáticas familiares ao aprendiz. (BRASIL, 2012, p. 17).

Essas temáticas familiares podem ser obtidas, por meio da oralidade, com a utilização das histórias e brincadeiras infantis que as crianças aprendem no decorrer da infância. O documento do PNAIC esclarece, ainda, que:

Existem vários métodos e estratégias de alfabetização. Todavia, é importante destacar que as novas demandas colocadas pelas práticas sociais de leitura e de escrita têm criado novas formas de pensar e conceber o fenômeno da alfabetização. Portanto, os métodos e estratégias que levam as crianças a somente apropriar-se do sistema de escrita, encarando-a como um código a ser memorizado, são insuficientes para suprir tais demandas. Em uma concepção de alfabetização focada na inserção das crianças nas práticas sociais, podem ser desenvolvidas metodologias que, de modo concomitante, favoreçam a apropriação do sistema alfabético de escrita por meio de atividades lúdicas e reflexivas e a participação em situações de leitura e produção de textos, ampliando as referências culturais das crianças. (BRASIL, 2012, p. 19-20).

As histórias que são contadas pelos mais velhos, na fase da infância, não apenas são ricas em conteúdos, mas também ajudam as crianças a ampliar as suas referências culturais e a constituir matrizes textuais, já que as mesmas despertam nas crianças as fantasias, enriquecendo a imaginação para o processo de alfabetização.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil assegura que:

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. (BRASIL, 1998, p. 21-22).

Na reflexão de Belintane (2013, p. 10) “o aluno entra na escrita a partir do que já traz do berço, sua oralidade-letramento; então não bastaria fazê-lo compreender o jogo entre o oral e o escrito para garantir sua entrada esplêndida na escrita?”.

Carvalho e Rosa (2012) asseguram que o letramento está relacionado ao uso da língua (oral e escrita) em variados contextos sociais. Para Bezerra, et al. (2007), o letramento contribuiu para várias disciplinas, como Sociologia, História, Antropologia, Psicologia, Linguística e os Estudos literários e agora vem colaborando na área pedagógica, tornando uma ferramenta importante para as práticas de alfabetização.

De acordo com Bentes:

[...] deve-se não apenas dar oportunidade aos alunos de observarem e de analisarem determinadas práticas orais, como também deve fornecer os contextos, as motivações e as finalidades para o exercício de diferentes oralidades, na sala de aula e fora dela. (BENTES, 2010, p.137).

O início da alfabetização é de suma importância para o desenvolvimento da escrita e leitura da criança, por isso, é necessário um método de ensino que busque aproveitar o que o aluno já aprendeu na sua infância, usando os recursos já dominados: cantigas, parlendas, trava-línguas, histórias, etc.

Galvão e Batista relatam que:

Em tais culturas, o aprendizado se dá, em grande medida, somaticamente: todo o corpo, mediante movimentos rítmicos, é utilizado nos processos de memorização. Os cantadores/narradores populares, muitas vezes, se utilizam de um instrumento simples, como o tambor, para reforçar o ritmo da narrativa, contribuindo para introduzir nos ouvintes o “encantamento” do som, deixando-os em um estado de semi-hipnose, marcado pelo prazer e pelo relaxamento. (GALVÃO; BATISTA, 2006, p. 416).

Em entrevista à Revista Pesquisa Fapesp, Belintane (2015, p. 03)² alerta que “os alunos respondem bem quando trazemos as atividades por via da música, da rima, da métrica ou da contação de histórias, textos que são trazidos na memória. Não se trata da conversa cotidiana, que é fragmentária”. Esses tipos de atividades prendem a atenção das crianças, facilitando ainda a forma de compreender e entender os textos.

Ampliar e desenvolver o conceito da oralidade na alfabetização não é uma tarefa fácil, entretanto, necessita dedicação e comprometimento do professor, além de um amplo repertório, para que a criança possa desenvolver, comentar e manifestar suas opiniões, referentes às histórias apresentadas. Como se pode constatar na pesquisa bibliográfica, a oralidade é fundamental no processo de alfabetização, embora, se levar em conta os resultados positivos de pesquisa, a concepção defendida por Belintane parece ser mais eficiente, uma vez que, foi testada e comprovada.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

A entrada na faculdade proporciona descobertas incríveis e relevantes sobre a alfabetização, ao mesmo tempo que encanta e também desafia a busca por novas abordagens referentes a situações vivenciadas em sala de aula. Diante destas afirmações, decide-se abordar e pesquisar a oralidade como tema principal para este artigo. O despertar para este tema surgiu ao ler o livro *Oralidade e Alfabetização: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento* de Claudemir Belintane. Os dados mencionados na Introdução relativos à avaliação de alunos da EA-FEUSP, escola onde foram aplicadas as concepções do pesquisador, são, como já demonstrado na introdução, bastante animadores. Além de estudar a questão da oralidade, resolve-se

² Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/2015/11/17/alfabetizacao-para-valer/>>. Acesso em: 05 mar. 2019.

pesquisar qual conceito de oralidade está presente no cotidiano da(o)s professora(s) da rede municipal de Novo Horizonte/SP.

Opta-se por uma metodologia aplicada qualitativa com análise de dados quantitativos com base em dois campos: (1) fontes bibliográficas - explorando tanto livros que tratam sobre a oralidade e alfabetização, como artigos científicos, jornais, revistas, sites pertinentes ao tema, como se pode ver na introdução e revisão bibliográfica; (2) pesquisa de campo - para que o trabalho também implicasse na visão do contexto mais próximo, resolve-se fazer uma pesquisa de campo por meio do questionário como instrumento para a coleta de dados, abordando escolas da rede municipal de Novo Horizonte/SP.

Quanto à visão de Minayo (2010):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilha com seus semelhantes (Minayo, 2010, p. 02).

A presente pesquisa corresponde em partes a essa afirmação de Minayo, pois contém também dados quantitativos, gráficos, enfim, dados objetivos, entretanto, na discussão dos resultados, procura-se abordar a fala dos professores nas entrevistas, tratando seus aspectos subjetivos.

Um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidos, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (Godoy, 1995, p. 21).

O intuito seria captar o modo como professora(es) compreendem a correlação oralidade e escrita. O principal interesse surgirá da interpretação minuciosa das respostas dos professora(s), indagando sempre se ela(s) têm consciência da importância do conceito de oralidade ou se simplesmente aplicam o conceito como lugar-comum, compreendendo oralidade como sinônimo de fala cotidiana.

Constata-se que a coleta de dados, por meio da pesquisa de campo estimula a busca por novas alternativas, novas formas, bem como auxilia a converter necessidade em demanda, por meio da resolução de problemas. No caso, foi possível chegar a um conceito de oralidade possivelmente diferente dos utilizados nos dias de hoje.

Nesta etapa, aplicam-se os questionários com a(o)s professora(s) da educação infantil das escolas públicas para realizar a coleta de dados, por meio de questionário.

Gil (2016) define o questionário como:

A técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc (Gil, 2016, p. 121).

As vantagens de utilizar o questionário são que: atinge grande número de pessoas; pouco gasto com pessoal; anonimato das respostas; os pesquisados não são influenciados por outras opiniões (GIL, 2016).

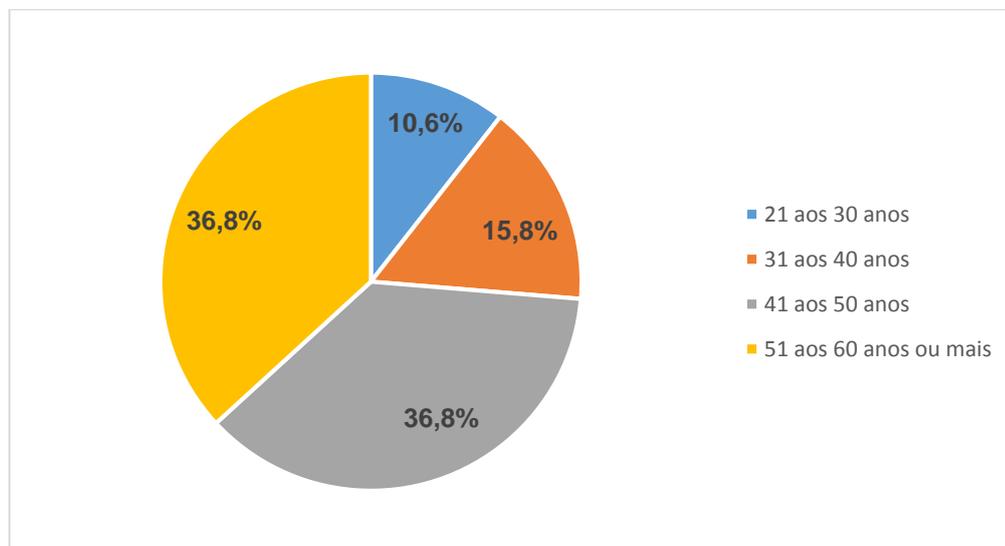
O questionário foi formulado com oito questões, sendo quatro fechadas, objetivando obter o sexo, idade, o tipo de formação e se possui pós-graduação. Já as outras quatro questões são abertas e busca-se obter a visão do educador e a construção de um pensamento livre sobre o tema da oralidade, ou seja, são questões mais qualitativas, sujeitas à interpretação do pesquisador.

A apresentação dos resultados quantitativos foi feita por meio de tabelas e gráficos, seguida da abordagem qualitativa, que consistirá na interpretação das questões abertas.

3 ANÁLISE DE DADOS

Nas escolas públicas, 19 professores responderam ao questionário, sendo 100% do sexo feminino. Em atenção à idade, a figura 01 ilustra a faixa etária das professoras:

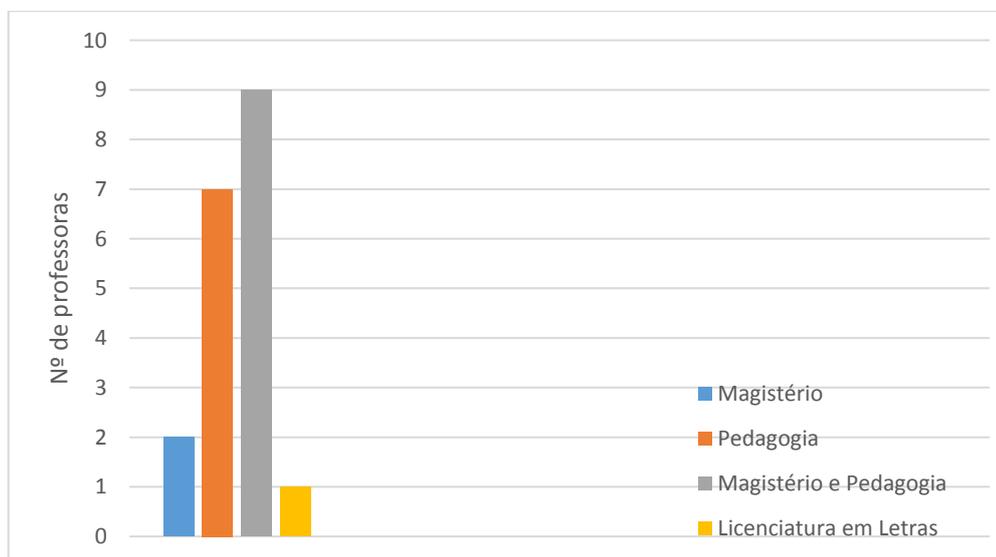
Figura 01 - Gráfico por idade.



Fonte: Elaboração própria.

Quanto à formação das professoras em pedagogia ou magistério, bem como ter as duas formações, os dados extraídos estão ilustrados na figura 02:

Figura 02 - Gráfico da formação dos professores.



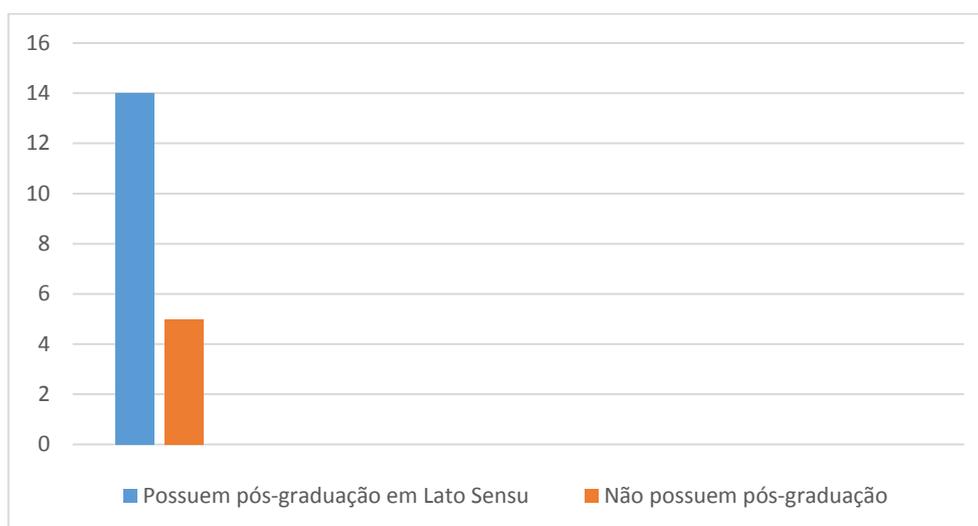
Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que 47,4% das professoras possuem os dois tipos de formações, ou seja, pedagogia e magistério. As professoras que possuem apenas pedagogia

representam 36,8%, as que possuem apenas magistério representam 10,6%. Ainda há 5,2% que representa somente licenciatura em Letras.

Quanto a ter ou não pós-graduação, foi constatado que nenhuma professora possui mestrado ou doutorado. Já pós-graduação em Lato Sensu, 73,7% das professoras possuem e 26,3% não possuem nenhum tipo de pós-graduação, conforme ilustrado na figura 03:

Figura 03 - Gráfico de pós-graduação dos professores.



Fonte: Elaboração própria.

Os cursos de pós-graduação *Lato Sensu* que os professores possuem têm uma grande variedade, entretanto, a Psicopedagogia possui a maior quantidade, perfazendo 57,1% do total de professores que possuem pós-graduação.

Referente às quatro questões abertas, as respostas obtidas foram bem semelhantes. Na pergunta aberta de nº 05, as professoras responderam que trabalham com a oralidade na educação infantil, entretanto, apontam para o oposto do que é defendido neste artigo, já que utilizam-se de diversas situações de comunicação oral, demonstrando claramente que não fazem a distinção entre o conceito de oralidade e fala, aproximando-se mais das definições mais amplas (Ribeiro, 2002; Ferrenha, 2010; Santos e Farago, 2015), como pode se ver no trecho a seguir da resposta da professora nº 05: “A fala é o principal instrumento de comunicação das crianças com seus colegas e o professor”. A professora nº 06 complementa “Sim, a comunicação é o principal instrumento nesta idade entre seus

colegas. *O diálogo na roda de conversa, onde todos argumentam é fundamental para eles*. A professora de nº 13 afirma que *“sim, a oralidade é prática no conteúdo da educação infantil. Tem que falar bem para depois escrever”*. Algumas professoras até apresentaram algumas atividades típicas que podem ser incluídas no conceito, como por exemplo: músicas, cantigas, parlendas, contação de histórias e trava-línguas, porém, ao citarem práticas de leitura, roda de conversa e outras, demonstram que suas concepções não distinguem o conceito.

A pergunta de nº 06 é para a professora opinar se a oralidade contribui para a alfabetização do educando e de que maneira. A professora nº 10 apresenta a seguinte resposta: *“Sim, a oralidade contribui significativamente para a aprendizagem, pois é necessário que o educando ouça e fale para que se expresse pela linguagem escrita”*. A professora nº 12 relata que *“a oralidade contribui e muito para a alfabetização, pois a criança precisa falar para escrever”*. A professora de nº 14 afirma que *“é através da oralidade que o educando se expressa com suas emoções, ações e a aprendizagem acontece”*. As professoras responderam que a oralidade contribui para a alfabetização, porém, entendem que a fala e a comunicação são as maneiras de se trabalhar a oralidade. Estes entendimentos apresentados demonstram que não conhecem o conceito de oralidade, pois não o distinguem da fala, da roda de conversa, da leitura em voz alta. Para Belintane é absolutamente necessário distinguir as estratégias e modalidades vindas da oralidade das que vêm da escrita:

...contar histórias deveria ser uma habilidade *sine qua non* do perfil do professor do ensino fundamental I. Diferenciar o ato de contar do ato de ler em voz alta seria uma operação fundamental na definição dos currículos de formação de professores (BELLINTANE, 2017, p. 107).

Posteriormente, a pergunta de nº 07 indagava qual a importância da oralidade no processo de alfabetização e como a professora enxerga a sua prática pedagógica. Nesta pergunta, 89% das professoras apresentaram afirmações genéricas, estereotipadas³, isto é, procuraram preencher o espaço em branco, visando passar uma ideia generalizada, como, por exemplo, a resposta da professora nº 02 *“a oralidade tem muita importância no processo de alfabetização, pois a criança inicia a*

³ Segundo o dicionário Infopédia, estereotipado vem do verbo estereotipar e significa “1. Formar uma ideia generalizada, preconcebida e redutora sobre pessoa, coisa ou situação”; “2. Conferir ou adquirir uma imagem fixa e generalizada com as características consideradas típicas”. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estereotipo>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

escrita através da fala". A professora nº 11 cita que: *"é necessário fazer com que a criança se expresse bem para poder escrever, vejo minha prática sempre com adaptações aos determinados estímulos necessários"*. A professora nº 17 comenta que: *"acho importantíssima, poder expressar a fala, os sentimentos, as dúvidas. Sistematizando, sintetizando, refletindo sobre o processo ensino-aprendizagem"*. Como se pode ver, são expressões soltas, ditas mais para impressionar do que realmente para expressar o que sabem ou para conceituar sua linha de trabalho.

Por último, a pergunta de nº 08 indagava qual é a forma ideal de se trabalhar a oralidade. A professora nº 08 respondeu *"estimulando os alunos a falarem"*. A professora nº 01 frisa que *"participar de variadas situações de comunicação oral, para interagir e expressar desejos, necessidades e sentimentos, contando suas vivências"*. Já a professora nº 16 esclarece que *"a forma ideal é aquela que o professor acredita, não existem fórmulas mágicas. Alfabetização envolve educando, educador e ações em família"*. Nesta questão, as educadoras apontam para o oposto que é defendido por Trevizan (2008) e Belintane (2017).

4 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Fica evidente que o conceito de oralidade assumido pelas professoras é mais ligado à fala cotidiana e não a um conceito mais específico ao campo da alfabetização. Tratam o conceito pelo significado mais geral da palavra, adotando a ideia de que se é oral, estaria necessariamente ligado à fala.

Foi realizada uma análise qualitativa detalhada para ver o que o sujeito da pesquisa diz, além dos dados, por exemplo, as educadoras chegam a afirmar que aplicam a oralidade, mas, diante de uma pergunta que peça para definir que tipo de oralidade utilizam, as mesmas revelam dúvidas e desconhecimentos, isto é, não conseguiram definir, responderam usando fragmentos ou generalizam o conceito de oralidade. Essas falhas nas respostas ou contradições em relação ao que afirmaram antes revelam que não utilizam o conceito de oralidade, aliás, buscam sempre justificar e explicitar o que fazem (cotidiano de trabalho), mas não respaldam o conceito em leituras e nem mesmo demonstram distinguir o conceito de outras atividades cotidianas.

A pesquisa revela uma certa prevalência do conhecimento cotidiano (como a pessoa trabalha) sobre suas possíveis leituras. Percebe-se claramente que nenhuma

delas desconfia que o termo oralidade, do mesmo modo, que os termos Letramento e Alfabetização, são conceitos e, como tais, possuem certa precisão. Quando se conhece a precisão do conceito, este se torna mais operativo na prática cotidiana, ou seja, o trabalho rende mais e faz mais efeitos.

Outro detalhe percebido na análise de dados é que a pós-graduação que as professoras fizeram não deram condições de melhorar a concepção, já que tiveram muita dificuldade em responder às perguntas, apresentaram afirmações genéricas, utilizando-se de palavras gerais da pedagogia, como por exemplo, a Professora 01, que afirmou que a “ação pedagógica... tem que ser dinâmica...”. Isso já revela certo distanciamento do foco da questão. Percebe-se que esta professora assumiu um vocabulário básico da profissão para responder a qualquer tipo de pergunta. É isso que este artigo chama de afirmações genéricas, ou seja, para toda pergunta, ela vem com expressão desse tipo. Esta pesquisa revela que essas expressões podem ser consideradas estereotipadas, quer dizer, a pesquisadora preenche o espaço, seja o do papel em branco, seja o da fala (caso fosse entrevista falada) com esses tipos de expressões descoladas do foco principal: “produção conjunta entre professor e aluno”, “localmente construída e em tempo real”. Esse tipo de fala de professores existe tanto no construtivismo como nas concepções mais tradicionais. Uma das mais importantes decisões de uma professora ou professor é a de romper esses estereótipos, pois estes impedem o próprio crescimento intelectual da(o)s professora(s).

A pesquisa qualitativa confirmou que as professoras não conhecem muito bem o conceito, pois as principais contribuições da oralidade para a alfabetização não foram citadas. Talvez não percebam que quando um conceito é bem definido, ele se torna muito produtivo em sala de aula e seus resultados são concretamente avaliáveis. Por exemplo, poderia testar se a criança consegue dar continuidade à brincadeira oral abaixo (retomando um texto já citado na introdução):

*Não me olhe de lado,
Que eu não sou melado!*

*Não me olhe de frente,
Que eu não sou seu parente.*

Note que a criança vai aprender isso na oralidade, ou seja, num primeiro momento, ouvindo a professora, brincando com o texto, repetindo, memorizando e criando novas estrofes, por exemplo, a professora pode dar só o primeiro verso da estrofe de dois versos:

*Não me olhe no pé,
Que eu não sou _____.*

A criança vai completar e acertar (a chance é grande de elas responderem “chulé”). A professora pode tentar mais uma estrofe, agora tirando totalmente o segundo verso (linha).

*Não me olhe na mão,
_____.*

Há grande chance de a criança completar com “que gosto de melão” ou “não sou mamão”. Tudo isso ocorreria na oralidade, ali, professores e alunos brincando em voz alta. Desta maneira, a oralidade vem em paralelo com a escrita e ambas vão se interpenetrando no processo de alfabetização e de domínio da leitura fluente e significativa (Belintane, 2017).

Por isso, que não se pode confundir oralidade com escrita ou com fala, pois apesar de complementares, cada uma tem a sua especificidade na hora de montar um programa ou currículo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados da ANA 2016 apresentaram resultados significativos nos níveis de proficiência em leitura no desempenho dos terceiros anos da Escola de Aplicação da USP em comparação com os resultados médios das escolas do estado de São Paulo e das escolas municipais de Novo Horizonte/SP. O município de Novo Horizonte/SP até apresenta bons dados, se comparados somente com o Estado de São Paulo, contudo, ao comparar com a EA-FEUSP, apresenta uma inferioridade significativa, sobretudo, na leitura.

Não resta dúvida que a ANA contribuiu e muito para que as escolas públicas analisem pedagogicamente os níveis de alfabetização dos estudantes e, se necessário, podem readequar as práticas pedagógicas, visando um ensino de melhor qualidade.

É importante frisar que EA-FEUSP trabalha com o conceito de oralidade defendida neste artigo, isto significa, que o foco não é o aspecto comunicativo, e, sim, o estético e literário (privilegiando, além do conteúdo, a forma: o ritmo e a rima). Já as escolas municipais de Novo Horizonte/SP enfatizam mais a escrita e as técnicas construtivistas de avaliação.

Na análise de dados, constatou-se que as professoras fazem confusões entre a fala cotidiana e a concepção de oralidade, além do mais, as professoras pesquisadas sustentam o trabalho de oralidade como sendo a fala e a comunicação, já que enfatizam muito outros processos distintos da oralidade, como leitura em voz alta, roda de conversa e outras mais, contrariando o que é defendido neste artigo, que afirma que a oralidade é um conjunto de gêneros textuais mais formulares, pautados no tratamento estético e literário, que ficam contidos e guardados na memória de cada criança.

Desta forma, o principal objetivo do trabalho foi cumprido, pois no decorrer da pesquisa foi demonstrado a importância da oralidade na alfabetização, com a utilização dos conhecimentos que as crianças adquiriram em suas vidas, bem como por meio de memorizações realizadas durante contação de histórias, brincadeiras infantis, trava-línguas, parlendas e adivinhas e outras mais, objetivando a entrada da criança no mundo da leitura e da escrita.

Percebe-se que neste trabalho, o que foi apontado com insistência é esse pensamento que iguala a oralidade à fala cotidiana, visto que, aprender a escrita por meio da fala não gera bons leitores. O exemplo da Escola de Aplicação da USP e seu desempenho na ANA ajudaram na confirmação dos resultados.

Assim sendo, este artigo buscou diferenciar a fala, leitura em voz alta e roda de conversa, da oralidade defendida neste trabalho, que é que mais contribuiu para o processo de alfabetização e consolidação da leitura.

Conclui-se que a fala é fragmentária, uma vez que, por meio dela até dá para aprender um pouco da alfabetização inicial, todavia, esta não tem o poder de dinamizar a leitura fluente e significativa. As narrativas orais (contadas e depois lidas

em voz alta), as adivinhas (apresentadas oralmente, depois na escrita), os poemas orais (como o “não me olhe de lado”), as parlendas, os trava-línguas, todos, primeiramente apresentados oralmente (sem ler, tudo de memória) fornecem matrizes textuais, fórmulas com repetição, rimas, ritmos que dão à criança uma bagagem textual que vai sustentando a leitura até que ela se torne fluente e significativa, conforme demonstrado no capítulo II de Belintane (2017).

Diante do exposto, este artigo buscou construir um novo aspecto de uma questão já conhecido por todos, entretanto, essa pesquisa não termina aqui. Ainda é necessário analisar mais escolas e municípios para avaliar de forma pormenorizada a eficácia do método, detectando os acertos e erros para os futuros estudos nesta área, mas uma certeza aqui se revela, é muito mais produtivo adotar um conceito específico de oralidade para o campo da alfabetização, sobretudo, quando já testado e aprovado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14724: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos - Apresentação.** Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BELINTANE, Claudemir. **Oralidade e Alfabetização: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento.** São Paulo/SP: Cortez Editora, 2013.

_____, Claudemir. **Da Corporalidade Lúdica à Leitura Significativa – subsídios para formação de professores.** São Paulo/SP: Scortecci Editora, 2017.

_____, Claudemir. **A Oralidade que faz escrever.** Revista Educação. 2011. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/146/artigo234592-1.asp>>. Acesso em: 03 mar. 2019.

_____, Claudemir. **Alfabetização para valer.** Revista Pesquisa. FAPESP. 2015. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/11/17/alfabetizacao-para-valer/>>. Acesso em: 05 mar. 2019.

BENTES, Anna Christina. **A linguagem oral no espaço escolar: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola.** Coleção Explorando o Ensino, Cap. 6, v. 19. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2010.

BEZERRA, Francisca Ângela Martins; FARIA, Francisca Edna Moreira; MACHADO, José Amarildo Fernandes. **A oralidade e a escrita: instrumentos na construção do saber ao longo da vida.** Ministério da Educação. Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará – CEFETCE. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_aoralidade.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **ANA - Avaliação Nacional da Alfabetização.** Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto_livreto.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2019.

_____. Ministério da Educação. **Manual PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.** 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto_livreto.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2019.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Política da Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, v. 1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2019.

CARVALHO, Izabela; ROSA, Douglas Corrêa da. **Da fala à escrita: Análise das marcas da oralidade presentes em textos escritos de alunos de 5º ano**. Identidade Científica, v.3, n.1, p.33-47. Presidente Prudente/SP. 2012

FERRENHA, Danylo de Almeida (estudante de História, UNIFESP). **História Oral Africana**. 2010. Disponível em: <<http://discuthistoria.blogspot.com.br/2010/08/historia-oral-africana.html>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Oralidade e escrita: Uma revisão**. Cadernos de Pesquisa, v.36, n.128, p. 403-432, maio/ago.2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas (ERA), São Paulo, v. 35, n.2 p. 57-63, mai/jun. 1995.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Da fala para a escrita – Atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais). Resenhado por Sale Mário Gaudêncio. Disponível em: <<https://mariogaudencio.wordpress.com/2013/01/02/maria-cecilia-de-souza-minayo/>>. Acesso em 27 mai 2019.

RIBEIRO, Raimunda Cunha. **Da oralidade à escrita acadêmica: caracterizando os diários de aula como instrumento de pesquisa em educação**. Revista Educação por Escrito – PUCRS, v.3, n.2. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/11017>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

SANTOS, Maria Gabriela da Silva; FARAGO, Alessandra Corrêa. **O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, 2(1): 112-133. Bebedouro/SP. 2015. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200343.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2019.

SILVA, Gericleide Gomes da. **Oralidade e escrita: uma questão de letramento.** Departamento de Letras e Artes UnP/UFRN. 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT30/30.1.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

TREVISAN, Deborah. Revista Escola. Abril. **Usar a poesia para desenvolver a oralidade.** 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/usar-poesia-423627.shtml>>. Acesso em: 08 set. 2019.

APÊNDICE

Questionário

1 - Sexo

- Feminino
- Masculino
- Outros

2 - Idade

- Dos 21 aos 30 anos
- Dos 31 aos 40 anos
- Dos 41 aos 50 anos
- Dos 51 aos 60 anos ou mais

3 – Qual a sua Formação?

- Magistério
- Pedagogia

4- Possui pós-graduação?

- Lato Sensu
- Mestrado
- Doutorado

Qual _____

- Não

5 - Você trabalha a oralidade na Educação Infantil? De que forma ou maneira?

6 - Em sua opinião a oralidade pode contribuir para a alfabetização do (a) educando? De que maneira?

7 - Enquanto educadora como você analisa a importância da oralidade no processo de alfabetização. Como você enxerga sua prática pedagógica?

8 - Na sua visão, qual seria a forma ideal de se trabalhar a oralidade?